

Como acaba uma guerra

Como acabará a guerra de Putin contra a Ucrânia? Não sabemos. Nem os modelos históricos nos dizem com precisão. Mas podem dar-nos o quadro das possibilidades.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 4 de Maio de 2022

A guerra sabe-se sempre como começa, mas nunca se sabe como acaba. E se alguma coisa a história nos ensina, é que é muito mais fácil começar uma guerra do que pôr-lhe fim. E é por isso que o fim das guerras é sempre um momento simbólico que persiste no imaginário político e é objecto de comemoração futura. Porque marca o fim do mundo velho e o princípio de um mundo novo. Foi o caso do armistício que pôs fim à I Guerra Mundial, assinado em novembro de 1918 entre a Alemanha e os Aliados, numa carruagem de comboio nos arredores de Paris. A rendição do Japão que pôs fim à II Guerra Mundial, assinada em setembro de 1945 a bordo de um couraçado americano no Oceano Pacífico. Ou a queda do muro de Berlim, em novembro de 1989, que pôs termo à Guerra Fria e que o arrear da bandeira soviética no alto do Kremlin, no dia de Natal de 1991, veio confirmar. Mas, hoje, há guerras que não acabam. Ou melhor, que acabam sem um fim e nunca têm o seu momento simbólico.

Ora, o que a historiografia sobre o fim das guerras nos diz é que há três maneiras clássicas de terminar uma guerra. A primeira é a da vitória decisiva de uma parte e a capitulação incondicional da outra. É o caso da derrota da Alemanha e do Japão na II Guerra Mundial. A segunda é a de um cessar-fogo provisório que conduz mais tarde a um acordo de paz. É o caso do [armistício da I Guerra Mundial](#) que reflectia a superioridade militar dos aliados, mas que muitos na Alemanha não aceitavam que significasse que esta tivesse sido derrotada. Viram o tratado de Versalhes como injustiça e humilhação e voltaram à guerra para o reverter. A terceira é a do impasse, o desfecho inconclusivo: sem vencedor nem vencido e sem acordo de paz. Acaba geralmente em situações de instabilidade caótica ou conflito congelado. Talvez o falhanço da invasão americana do Iraque seja ainda o melhor exemplo.

Como acabará a guerra de Putin contra a Ucrânia? Não sabemos. Nem os modelos históricos nos dizem com precisão. Mas podem dar-nos o quadro das possibilidades. Um cenário de vitória decisiva e capitulação incondicional está fora de causa. De um lado e de outro. A Rússia tem acumulado fracassos militares e humilhações públicas: a retirada de Kiev, o afundamento do *Moskva*, a morte de oficiais generais e o ferimento do próprio chefe do Estado-maior do Exército. Para além de pesadas baixas humanas e perda de material, já teve de rever em baixa os seus objectivos políticos. Abandonar a mudança de regime e a ocupação, para se concentrar no Donbass e numa eventual divisão do país.

A Ucrânia tem tido uma capacidade inesperada de resistência política e militar contra o invasor e com o apoio militar ocidental pode mesmo passar à contra-ofensiva. Mas está longe de conseguir expulsar o exército russo do seu território ou impor uma vitória

decisiva. Tal poderia apontar para o modelo de um cessar-fogo seguido de acordo de paz. Mas isso implicaria duas condições. Primeiro, uma mediação política aceite pelos beligerantes e com credibilidade internacional. Segundo, sobretudo, a vontade política das partes. Vontade que não existe. E porquê? Porque nem a Rússia ganhou a guerra, nem a Ucrânia a perdeu. Porque nenhuma das partes tem condições militares para impor a sua vontade política. E, finalmente, porque ambas pensam que, ainda, podem ganhar a guerra.

Talvez, por isso, o mais provável possa ser uma solução inconclusiva, sem cessar-fogo nem acordo de paz. Uma guerra que se estende no tempo e reflecte a partição de facto no terreno. Um conflito que não ficará congelado como noutras periferias do antigo império russo e onde se assistirá ou a uma trégua armada, como na Coreia ou, mais provavelmente, a um impasse hostil com confrontos recorrentes na linha de divisão.

Se for este o caso, o Ocidente terá de se preparar. No curto prazo, para evitar a escalada do conflito: escalada horizontal, com a entrada de outros países; e escalada vertical, com o uso de armas de destruição maciça. Isso significaria uma III Guerra Mundial. No longo prazo, preparar-se para um conflito longo. Um apoio massivo e sustentado, económico e militar à Ucrânia. E uma estratégia de contenção da Rússia. Porque uma vitória de Putin poria em perigo a segurança na Europa e a democracia no mundo. E é por isso que o homem pode até não perder, mas uma coisa é certa: não pode ganhar a guerra.

<https://www.publico.pt/2022/05/04/opiniao/opiniao/acaba-guerra-2004763>